

PROJETO

“REFERENCIAMENTO DA FEIRA DE CARUARU, COM VISTAS AO REGISTRO DE LUGAR”

RELATÓRIO PRELIMINAR

Execução: 5ª Superintendência Regional / IPHAN/MinC/PE

Período de Execução: Agosto-dezembro/ 2004

Propriedade: IPHAN/ MinC

Autor: Dr. Bartolomeu Figueirôa de Medeiros (Frei Tito)
Professor Adjunto do PPGA/ DCS/ UFPE
Coordenador Técnico deste Projeto de Pesquisa

Dezembro de 2004

Relatório Preliminar

Referenciamento da Feira de Caruaru, com vistas ao Registro de Lugar

Dr. Bartolomeu Figueirôa de Medeiros (Frei Tito)
Professor Adjunto do PPGA/ DCS/ UFPE
Coordenador Técnico deste Projeto de Pesquisa

INTRODUÇÃO: HISTÓRIA E DADOS DE CARUARU E DA SUA FEIRA

É como poderíamos intitular este Relatório. Pois a cidade e a feira se imbricam, entrosam-se uma na outra, expandem-se ao mesmo tempo, aquela dependendo quase sempre desta. Por outro lado, não há como separar uma da outra: compositores, cantadores de cordel, o grande Luiz Gonzaga - que imortalizou a canção de Onildo Almeida – e memorialistas já vinham alertando, há tempos, para a inseparabilidade das duas. As pesquisas, documentais e de campo, vieram confirmar a *voz do povo*: a Feira é de Caruaru. Caruaru parece viver *para* e *em função de* sua Feira. Como ontem, assim continua hoje, apesar do propalado *Maior São João do Mundo*, como a propaganda disseminada pelos poderes municipais caruaruenses e os estaduais pernambucanos orgulhosa e interesseiramente propalam, fazendo frente à idêntica campanha realizada pela *Rainha da Borborema*, a cidade de Campina Grande/ PB.

Este Relatório foi composto por mim, como parte de minhas funções de Coordenador Geral da Pesquisa, mas não teria existido sem o trabalho e a dedicação apaixonada dos pesquisadores e do fotógrafo, todos alunos da UFPE. Tem muito de cada um neste trabalho: Janine Primo de Menezes, estudante do Curso de História, na pesquisa documental; Jacira de França Cardim, Bárbara Luna, João Paulo de França F. Alves e Carlos Frederico Barbosa Pinheiro, do Curso de Ciências Sociais, na pesquisa de campo, e Felipe Peres Calheiros, na atividade de fotógrafo.

Todos, como eu, deixaram-se contaminar pela paixão pelo tema, pelo cenário que aos poucos se enche e incha de gente, de enormes carros-de-mão, de fardos levados às costas, de buzinas de veículos automotores, sempre, todos os dias, porém, sobretudo, nas segundas-feiras de madrugada, dia da Feira da Sulanca; pela atividade vibrante do povo, em sua luta pela subsistência, trazendo seus produtos dos sítios, de municípios vizinhos, em carros fretados ou em lombos de montarias; pela produção da beleza interior do povo, retratada no artesanato e no cordel, por exemplo; pela carnavalização - em puro estilo de Bakhtin -, da Feira do Gado, onde um dos nossos pesquisadores, assustado pelo assanhamento de um dos bois, encarapitou-se num muro de uma altura que, em circunstâncias normais, ele não seria capaz de subir; pela criatividade estampada nas criações das alpercatas, sandálias de couro e, principalmente, das confecções populares da Feira da Sulanca *que é pra matuto não andá nu (!)* É só pra matuto a Feira da Sulanca? A pesquisa demonstrou que não.

Pena que Walter Benjamin, que descreveu com tintas tão pitorescas o Mercado de Moscou, não tenha sobrevivido para fazer o mesmo em Caruaru! Que belas e interessantes páginas o genial filósofo social não teria criado, então!

Iniciamos o Relatório, que está dividido em três partes: na primeira, algo da síntese da pesquisa documental sobre as origens da Cidade e da Feira; em seguida, apresentamos um resumo do que foi pesquisado sobre a situação atual, utilizando tanto a pesquisa documental como a de campo, ou seja, do que está contido nas fichas do INRC; na última parte, trago algumas considerações finais.

Finalmente, observo que, como não se trata de um Relatório definitivo, mas do Preliminar, as referências bibliográficas vêm registradas, em **seu relato completo**, em notas de rodapé.

I. As ORIGENS¹

¹ Os dados desta primeira sessão do Relatório e de algumas da segunda, além das citações bibliográficas, provêm da pesquisa documental realizada por Janine Primo, já citada na Introdução.

A Feira de Caruaru “nasceu e se criou”, como dizem os caruaruenses, conjunta à cidade. Segundo Kleber Fernando RODRIGUES², nos princípios da colonização, a localidade onde hoje é formada Caruaru era ocupada pela Sesmaria Ararobá. Muito antes, habitavam-na os índios Cariri, que denominavam a região de “Caruru” ou “Caruaru” (caru: principal; aru: campo ou sítio).

Josué Euzébio Ferreira QUEIROZ alega que a história de Caruaru teve início com a chegada dos familiares do Cônego Simão Rodrigues de Sá, nos fins do séc. XVII, tomando posse de terras no Vale Médio do Rio Ipojuca e de demais fazendas de gado, onde desenvolveram cultura de subsistência. A família Rodrigues, ao vir de Portugal em meados do séc. XVII, morou **inicialmente** no Recife, onde comerciava em gado. Os Rodrigues de Sá mudaram-se para a região do Rio Ipojuca - que banha Caruaru - incentivados por informações de viajantes que percorreram o vale médio daquele rio, e comunicaram no Recife as possibilidades de exploração econômica das localidades visitadas. Encaminharam petição às autoridades, solicitando o direito de trabalhar aquelas terras.

O pedido foi atendido: “em 02 de junho de 1681, foram doadas terras à família Rodrigues de Sá, situadas entre as Missões de Limoeiro, no Capibaribe, e o vale Médio do Ipojuca”.³ Fundaram vários sítios de criação de gado e de agricultura de subsistência. São eles: Sítio da Posse, Juriti e Caruru, esta última fundada no início do séc. XVIII.

De acordo com Josué Euzébio F. QUEIROZ, Caruaru era, no início do séc. XVIII, uma fazenda de gado localizada às margens do Rio Ipojuca. O vale deste rio era utilizado como caminho para transportar o gado desembarcado para o Sertão, bem como o que vinha do **Sertão** com destino ao Litoral, para consumo e tração animal nos engenhos. A fazenda tornava-se um ponto de apoio; começaram a nela pernoitar, fazer comida, etc. Com o tempo, viajantes (tangerinos, tropeiros, mascates, etc) passaram a pedir refeições aos moradores da fazenda, como também dormitórios. Assim se iniciava o comércio na Fazenda Caruru, a futura Feira de Caruaru.

² RODRIGUES, Kleber Fernando. 1995. *A Feira de Caruaru: Origem Histórica, Questões Econômicas, Sócio-Políticas e Culturais*. Caruaru, FAFICA (monografia de Conclusão de Curso: mimeo.) Todas as citações seguintes deste autor são da Monografia supracitada.

³ QUEIROZ, Euzébio Ferreira. 2001. *Ocupação Humana do Agreste Pernambucano – uma abordagem antropológica para a história de Caruaru*. João Pessoa, Editora Idéia.

José Rodrigues de Jesus inicia a construção de uma capela em homenagem à sua irmã caçula, Maria da Conceição Rodrigues de Jesus, em 1781, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição. A seguir, faz a solicitação da autorização do Bispo de Olinda para a construção da capela. Esta é inaugurada em 05 de outubro de 1782, com o título de “Capela Nossa Senhora da Conceição da Fazenda Caruru”. Escreve Josué Euzébio Ferreira: Podemos supor que a Fazenda Caruru, a partir da inauguração da Capela em 1782, passou a ser o único lugar no vale médio do Ipojuca, além de São José dos Bezerras, onde os moradores de toda a redondeza teriam a oportunidade de acompanhar um ato religioso, celebrado por uma autoridade oficial da Igreja Católica.

A fazenda se tornava um ponto de convergência. QUEIROZ relata alguns costumes dos seus freqüentadores: “... assistir missa, batizados, casamentos, receber a benção do padre, encontrar conhecidos, parentes e compadres”.

Os domingos eram os dias de maior movimento na capela. Aproveitando a presença do padre, muitos se deslocavam para a fazenda para assistir e realizar celebrações, levando seus artigos para vender, comprar ou trocar com os demais comerciantes. “Poderia aproveitar também a presença de um mascate, que era habitual por aqueles caminhos; esses encontros eram oportunos para apresentar as novidades do momento: tecidos, linha, dedal, chapéus, apetrechos de uso feminino, etc.”.

Pedro MARINS⁴ afirma, numa entrevista em 1997, que José Rodrigues de Jesus fazia um pequeno investimento, dando um impulso econômico à região, da seguinte maneira: “Para assegurar o fortalecimento da feira, e por consequência das suas propriedades, ele comprava os produtos que sobravam e os distribuía com seus escravos”.

Com o passar do tempo, a feira foi aumentando, se fortificando. Os encontros tornaram-se semanais, os mascates, aos poucos, foram sendo substituídos por casas comerciais no próprio local. As relações sociais se constituíram nas “... possibilidades de mudanças nas relações pessoais e de negócios, caracterizadas pela confiança mútua, pelos prazos na entrega dos produtos e nos pagamentos, etc”.⁵

⁴ Jornal do Commercio, Recife, 18 de maio de 1997.

⁵ Ibidem.

Kleber Fernando RODRIGUES ainda comenta: “Tamanho era esse fluxo populacional ao lugar com vistas ao crescimento da Feira, objetivando comprar, trocar, vender produtos dos mais distantes e diversos rincões do Agreste pernambucano, que em torno da Capelinha de Nossa Senhora da Conceição desenvolvia-se o processo de urbanização, com a construção de Casas, formando as primeiras ruas”.

Em frente à capela, desenvolveu-se a feira livre da fazenda, e por isso passou, aquele local, a se chamar Rua do Comércio, mais tarde recebendo o nome de Praça João Guilherme de Azevedo. A comercialização de frutas, cereais, gado bovino, artesanato e utensílios, produzidos manualmente, atraía cada vez mais vendedores e compradores. Com o desenvolvimento da Feira, fora-se formando em torno da capela o início da cidade, as primeiras casas e ruas, mais tarde tornando-se um vilarejo.

De acordo com Kleber F. RODRIGUES, “... já no final do séc. XVIII, comportava trezentas casas residenciais, entre estas encontravam-se também domicílios comerciais”.

“A população do Caruru, na ribeira do médio Ipojuca, beneficiada com a construção da ‘estrada real’ do Recife a Cabrobó, visto a mesma passar por dentro de sua rua principal – a da Frente ou do Comércio - vinha atravessando, paradoxalmente, situação bastante irregular e servindo de palco a toda sorte de alteração da ordem pública, como se fosse um autêntico lugar sem chefe e sem lei”.⁶ Em 1811, o povoado de Caruaru torna-se distrito de Santo Antônio, antigo nome da atual cidade da Vitória de Santo Antônio, região metropolitana do Recife.

Josué Euzébio FERREIRA aponta três fatores fundamentais para o processo de urbanização de Caruaru: a localização geográfica da fazenda com seus currais próximos à ribeira do Ipojuca; o caminho das boiadas e a fazenda como posto de apoio e pernoite; e, como elemento mais forte, a construção de uma capela.

Segundo Daisy Costa LIMA, a capela fora utilizada por seus moradores até 1846, pois foi neste ano construída a Igreja Matriz, hoje Catedral de Nossa senhora do Carmo, pelo missionário Frei Euzébio de Sales, capuchinho do Convento da Penha, do Recife.

⁶ BARBALHO, Nelson. 1983. *Cronologia Pernambucana – subsídios para a história do Agreste e do Sertão* – 10º volume. Recife, Centro de Estudos de História Municipal / FIAM.

O vereador e padre Antônio Jorge Guerra, visando seus interesses políticos, solicitou a mudança do local da feira do sábado, fixando-a “do nascente da casa do tenente João Correia, em linha reta, à casa do alferes José Francisco da Silva Macambira, e, para o poente, até onde couber”.⁷ Ainda segundo Nelson Barbalho, em 1853, vários moradores do Caruru, através de abaixo-assinado, encaminharam à Câmara Municipal de Caruaru pedido de transferência definitiva da feira semanal da vila para um local fora da Rua da Frente, mas os vereadores de imediato lhes negaram a pretensão, argumentando que – “não tem lugar o que requerem, visto achar-se a feira no lugar do costume e reclamado pela maioria do povo”.

Em 26 de abril de 1854, o Presidente da Província de Pernambuco determina a construção da estrada que ligaria a Zona da Mata ao Sertão, através da Lei Provincial de nº 334. Essa estrada percorria Gravatá, São José dos Bezerras, Caruru, São Caetano da Raposa e Pesqueira. Contribuía, assim, para o alargamento das transações comerciais em todo Pernambuco e, conseqüentemente, para o progresso da Feira.

Em 1854, ocorreram protestos pela abertura do comércio do gado, ou seja, manifestações a favor da monopolização da venda da “carne verde” (expressão popular no Nordeste para designar a carne de gado recém-abatido). Segundo Nelson BARBALHO, na obra acima citada: “os ‘marchantes do talho do açougue desta Vila’ – consta em ata – compareciam à Câmara, exigindo que somente a eles fosse concedida licença para o abate de gado de corte no Caruru e que, nesse sentido, a Câmara Municipal expedisse regulamento para o comércio da carne verde no município. Era uma espécie de monopólio, o que se pretendia na ocasião. Brayner metia o bedelho na pendenga, argumentando que o abate de gado era livre em Pernambuco inteiro, dizia que o Caruru fazia parte integrante da Província e não poderia discrepar de suas leis e códigos; combatia o favoritismo desta ou daquela classe social e findava conseguindo o indeferimento para a pretensão dos marchantes estabelecidos no primeiro açougue público da vila.”⁸

⁷ BARBALHO, Nelson. 1980. *Caruaru de Vila a Cidade (subsídios para a história do Agreste de Pernambuco)*. Recife, UFPE, Ed. Universitária.

⁸ BARBALHO, *ibidem*.

Em 1855, a peste de cólera-morbo chega a Caruaru. O vereador José Maria Brayner exigia limpeza de esgoto, varredura de ruas e becos, queima de lixo e prisão de porcos à solta pela sede da vila. Neste ano, não se realizaram as festas natalinas em frente à Capela de Nossa Senhora da Conceição, na Rua da Frente, o que enfraqueceu demasiadamente o comércio, principalmente o chamado “livre”. A Feira, como parte de um todo social, é atingida pela peste. Além da peste, a subida do custo de vida nos anos 50 se abateu sobre a Feira, igualmente, causando diminuição do consumo.

Kleber F. RODRIGUES afirma que as feiras criadas no Brasil, entre os séculos XVII e XVIII, foram baseadas na agro-manufatura açucareira, no latifúndio, no escravismo, numa economia voltada para o consumo externo. “A Feira de Caruaru nasce e cresce dentro da realidade histórica da Fazenda Caruru, em que, ao construir a Casa Grande, a Senzala e a Capela e, principalmente, ao estabelecer-se nestas paragens agrestinas uma fazenda objetivando a criação de gado vacum, além de desenvolver nas cercanias da Fazenda, e mesmo em áreas mais distantes, a produção de uma agricultura de subsistência, estabeleceu-se concretamente a necessidade de manipulação desta produção, ou por necessidade econômica ou ainda por necessidade de sobrevivência, pois, à distância da capital, do porto e dos produtos de além-mar, tornava-se necessário o intercâmbio da produção, seja de qual tipo fosse, entre os mercadores do lugar”.

O historiador faz um paralelo entre as feiras da baixa Idade Média e a Feira de Caruaru, relatando semelhanças e levantando hipóteses de que o “modo de fazer feira” na Europa foi transportado para o Brasil, mas que aqui ocorreram transformações que formam a *identidade* da feira brasileira, especificamente as do Nordeste. “... as particularidades econômicas e políticas, vivenciadas pelos mercadores, feirantes da Idade Média e Moderna, se afastam de singularidade e das peculiaridades da economia brasileira dos séculos XVII, XVIII e XIX.”

RODRIGUES alega que o grande fluxo econômico da Feira de Caruaru ocorre a partir de 1863, quando o governo inglês, durante a guerra civil Norte-Americana (Guerra de Secessão), impedido de adquirir o algodão norte-americano, em decorrência da guerra, passa a investir economicamente nesta região, criando linha de crédito para a produção e exportação do algodão produzido na região do Agreste e especificamente em Caruaru, além da construção da Boxwell, Usina de Beneficiamento do Algodão, e a ferrovia Great

Western, para o escoamento. A construção dessas duas indústrias contribuiu para o alargamento econômico de Caruaru com as demais regiões circundantes.

Com o grande crescimento e por isso, conseqüentemente, grande desordem da Feira na primeira parte do século XIX, a Câmara Municipal passou a intervir na organização e funcionamento desta. Em 1854, a Feira distava trinta e cinco braças da Capela de N. S. da Conceição.

*“A Fazenda Caruru, no princípio do século XIX, já era um povoado próspero com uns mil habitantes, possuindo, desde 1795, sua Feira de Gado e produtos da roça, origens da grande Feira de Caruaru”.*⁹

Segundo Josué E. F. QUEIROZ, “o fato é que, em 1853, o Sr. Caetano Alves da Fonseca, vereador e opositor do cel. João Vieira de Melo e Silva, que era presidente da segunda Câmara Municipal da Vila de Caruaru, fez uma petição ao presidente da província propondo a mudança da Feira do pátio da igreja para outro local, e que a Câmara Municipal se posicionou contra, dizendo que ela deveria permanecer no mesmo lugar onde já funcionava há 35 anos e, se a mudança acontecesse, enfraqueceria o comércio e a própria Feira”.

Kleber F. RODRIGUES defende que a imensa feira que temos hoje em Caruaru é fruto da fusão das Feiras de Artesanato e de Verduras, Feira da Sulanca, Feira de Gado, dos Bolos e da Feira do Troca-Troca. A Feira de Gado Vacum foi uma das primeiras a se desenvolver, pois, desde seus princípios, a região utilizava o couro, força motriz na realização dos trabalhos e para a construção de artigos de uso diário. A Feira da Sulanca foi iniciada em 1984.

“A Feira de Artesanato caracteriza-se pela cultura e sensibilidade do artesão popular que com seus trabalhos manuais em cerâmica, madeira, granito, corda e principalmente argila, materializa a trajetória de um povo, enaltecendo a capacidade criativa, exibindo a todos que a visitam a história viva do povo desta região”.

Desde o séc. XVIII, a região do Rio Grande do Sul fazia concorrência comercial de carne bovina com Caruaru.

⁹ DIAS, J.D, Oliveira. 1971. *Caruaru: subsídios para sua história*. Caruaru, ed. da Prefeitura Municipal.

A Feira de Caruaru tem como características principais e históricas o fato de ser estabelecida pelos “burgueses brasileiros”, a nova classe de comerciantes proprietários, oligárquicos, mas também pelos vendedores e artesãos escravos. Sendo assim, “muitos comerciantes atuais, empresários caruaruenses, são descendentes de antigos feirantes e proprietários rurais, embora haja na atualidade uma certa discriminação por parte do empresariado comercial em relação ao feirante, pois afirmam muitos empresários que já que na Feira não se pagam impostos, há possibilidade econômica de que o feirante concorra economicamente em melhor situação de vantagem em relação ao comerciante estabelecido”. (Ora, as pesquisas de campo demonstraram que os feirantes pagam impostos sim, embora em menor montante).

Caruaru viveu uma expansão demográfica significativa no desenvolvimento da economia local, ancorada na Feira, em todos os seus setores, o que expõe a situação de decadência do latifúndio e da aristocracia coronelista em função do desenvolvimento microeconômico dos artigos que compõem a feira. Segundo Kleber F. RODRIGUES, “... os mercados persas e turcos não causam inveja aos caruaruenses, quando se trata de diversificação, criatividade, efervescência cultural”.

Tem a Feira o papel fundamental e preponderante de manter as tradições e a continuação da produção artesanal, já que esta recebe parques auxílios governamentais oficiais. É o que nos afirma RODRIGUES: “A Feira de Caruaru é uma das representações do passado e do presente desta comunidade; é história viva desta região, é o referencial da continuidade da história deste povo do Agreste pernambucano e nordestino”.

Em 1857, a Vila de Caruaru possuía uma população de 29.080 pessoas, sendo 26.833 livres e 2.247 escravos, fato que levava o jornalista Pedro Trancoso a polemizar a situação de “ainda vila?” Em 18 de maio de 1857, é sancionada a elevação da vila de Caruaru à categoria de cidade pela lei provincial nº 416. À criação do distrito de Caruaru refere-se a lei municipal **de** nº 3, de dois de dezembro de 1892.

Segundo Tadeu ROCHA, citado por Nelson Barbalho¹⁰: “Um marco importante na evolução econômica e social de Caruaru foi a chegada das pontas dos trilhos da ‘Estrada de Ferro Central de Pernambuco’. Em dezembro de 1895, o ‘trem de ferro’ subiu a Serra das Ruças (sic), passou por Gravatá e Bezerros, apitou orgulhoso no km 139 e resfolegou na estação de Caruaru. A multidão de agresteiros que foram recebê-lo confiava no progresso que o trem haveria de levar à sua cidade, com o crescimento do comércio, o aparecimento das indústrias, o aumento da população e a intensificação da vida social, cultural e religiosa. Eram os começos do novo posto que a cidade iria logo ocupar, no interior do Estado: o de metrópole regional da parte central-sul da Borborema”.

Em 1895, as tradicionais famílias do Recife subiam a Serra das Russas pelos trilhos da Estrada de Ferro Central de Pernambuco, para saborear pamonhas e carne de sol, ao som das primeiras bandas de música caruaruenses.

II. ÉPOCA ATUAL

Vimos que a Feira de Caruaru não deixou de crescer desde 1819. O século XX inicia-se com a Feira ocupando a chamada Rua do Comércio, tendo a igreja de Nossa Senhora da Conceição – construção que substituiu a antiga capela da fazenda – ao fundo. Então com pouco mais de 25 mil habitantes, a cidade ainda conservava os mesmos hábitos e costumes do tempo de Vila. Segundo Mário Sette¹¹, em suas visitas a Caruaru em 1915, 1925 e 1929, a cidade já apresentava grande progresso e lhe causava magnífica impressão.

Entre as décadas de 30 e 60, Caruaru é reconhecida como uma das maiores potências do Nordeste, com destaque à indústria do couro. Suas produtoras eram a Sanbra, a Caroá e o Curtume Souza Irmãos, sendo esta última considerada a mais forte da época. As mercadorias eram transportadas em lombos de animais por causa da ausência de automóveis na cidade.

O auge da venda de folheto de cordéis na Feira se deu entre as décadas de 20 e 40, tendo expressivo enfraquecimento entre 1940 e 1950, pelo alargamento do consumo de televisão e rádio. Nos cordéis, encontram-se poesia, divertimento e informação. Muitos informes

¹⁰ BARBALHO, Nelson. 1980. *Caruaru de Vila a Cidade (subsídios para a história do Agreste de Pernambuco)*. Recife, UFPE, Ed. Universitária.

¹¹ Cf. matéria publicada no jornal “*Diário de Pernambuco*”, Recife, 5 de junho de 1984.

sobre a cidade eram obtidos através destes livretos. A TV e o rádio tomariam esse espaço na sociedade, mas os folhetins não perderam seu valor artístico e cultural.

O maior cordelista de Caruaru, segundo Aleixo Leite (importante continuador da produção dos folhetos), era Francisco Sales Areda. Nasceu em Campina Grande, em 25 de outubro de 1916, mudando-se para Caruaru em 1950. Viveu exclusivamente da venda de seus cordéis, no período de 46 a 70.

Também são considerados grandes cordelistas de Caruaru: José Soares da Silva (Dila), Olegário Fernandes, Vicente Vitorino Cristóvão e Manuel Basílio de Lima. Olegário, também violeiro, começou a fazer seus cordéis em 1956. Gostava muito de os construir em cima de noticiários jornalísticos.

Nas décadas de 1940 / 50, ganharam bastante destaque as boleiras de Caruaru, expondo na Feira bolos de goma, de mandioca, de milho, broas, suspiros, “beiras-secas” ou “truitas”. Começavam a produção na quinta-feira para vendê-los no sábado. As mais famosas boleiras da época eram “Siá” Claudina, Maria de Artur Quintão, Maria Leandro, Ana Preta e Dona Maria Mata Escura.

Em fins de 1955, no auditório da Rádio Difusora de Caruaru, Onildo Almeida leva para mostrar ao seu amigo e locutor da rádio, Rui Cabral, sua nova música “A Feira de Caruaru”, ainda incompleta. Assim que a escutou, Cabral colocou Onildo no ar e pediu para que cantasse. O amigo o fez. Com o improviso do sanfoneiro José Gomes, a música foi muito bem recebida pela população, que pediu para Onildo cantar mais duas vezes.

“Somente no início de 1956, Onildo Almeida concluiu sua pesquisa sobre artigos vendidos na Feira que terminassem com a letra ‘u’. A idéia era que cada verso rimasse com o nome Caruaru. Ele buscou 14 tipos diferentes de especiarias”.¹²

Onildo, então, partiu para o Recife na busca de Genival Macedo, que era da gravadora Copacabana. Pensavam em Jackson do Pandeiro, mas este já partira para o Rio de Janeiro. Onildo não queria gravar a música, considerava-se um cantor romântico, não de baião, mas terminou gravando sua música e vendendo onze mil cópias em Caruaru. Afirma o compositor que num lado do disco só havia a música, no outro, era um solo de cavaquinho.

¹² Jornal *Vanguarda*, 18 de maio de 2002.

Em 1956, Luiz Gonzaga chega a Caruaru para se apresentar na Rádio Difusora. Em sua discoteca, Luiz escuta “A Feira de Caruaru”. Com muito entusiasmo, pede a Onildo para gravá-la. O autor, com muita alegria, concede. A música está contida no disco “Gonzaga, sua Sanfona e sua Simpatia”, que, em 1957, vendeu mais de cem mil cópias. A Feira cada vez se fortalecia em todos os sentidos. As pessoas iam conferir na Feira os itens relacionados na música, e reclamavam a Onildo a ausência de alguns artigos. O próprio compôs “A feira de Caruaru 2”, gravada por Israel Filho, mas afirma que a primeira música sempre será o hino da Feira de Caruaru e da própria cidade.

Hoje não se tem conta de quantos intérpretes cantam esta música: mais de trinta e quatro países a conhecem. Até no Japão a música faz sucesso. Onildo alega: “Uma vez a Orquestra Sinfônica de Berlim incluiu em seu repertório a peça interpretando ‘A Feira de Caruaru’”. Eis a música:

Em comemoração ao centenário da fundação da cidade, foram erguidas na Avenida Manoel de Freitas, em 18 de maio de 1957, as estátuas de José Rodrigues de Jesus (fundador da cidade) e da primeira professora do município, a “Sinhazinha”.

O comércio de Caruaru, na década de 60, era procurado pela maioria da população agrestina, graças às linhas de ônibus que ligam o município aos demais centros urbanos da região. As rodovias estadual (PE-91) e federais (BR-232 e BR-104, que liga Pernambuco à Paraíba e a Rede Ferroviária do Norte, antiga Great Western, eram os acessos das cidades pernambucanas e paraibanas a Caruaru).

Em 1966, a Feira ocupava dois quilômetros do centro da cidade. Em 1975, a Feira do Troca-Troca localizava-se na Rua São Sebastião. A Feira se compunha da feira dos passarinhos, do fumo, das panelas, das frutas das verduras,

*A feira de Caruaru
Faz gosto a gente ver
De tudo que há no mundo
Nela tem prá vender
Na feira de Caruaru*

*Tem massa de mandioca
Batata assada, tem ovo cru
Banana, laranja e manga
Batata-doce, queijo e caju
Cenoura, jabuticaba, guiné,
Galinha, pato e peru
Tem bode, carneiro e porco
E se duvidar inté cururu*

*Tem cesto, balaio, corda
Tamanco, grêia, tem tatu
Tem fumo, tem tabaqueiro,
Tem peixeira e tem boi zebu
Caneco, alcoviteiro, peneira
Boa e mel de uruçu
Tem calça de alvorada
Que é prá matuto não andá nu*

A feira de Caruaru...

*Tem rede, tem baleeira
Móde menino caçá lambu
Maxixe, cebola verde, tomate
Coentro, couve e chuchu
Almoço feito na corda
Pirão mexido que nem angü,
Tem fia de tamborete, que
Dá de tronco de mulungu*

*Tem louça, tem ferro velho,
Sorvete de raspa que faz jáü
Gelado caldo de cana,
Planta de palma e mandacaru
Boneco de Vitalino, que são
Conhecido inté no Sul
De tudo que há no mundo
Tem na feira de Caruaru*

A feira de Caruaru...

da carne - cujo mercado é variadíssimo -, das bonecas, dos bolos, dos laticínios, artigos de couro, arreios para animais e aviamentos para sapateiros, entre outros artigos. Nesta época, já se usava um altofalante para chamar atenção dos fregueses. As feiras se realizavam às quartas e aos sábados, mais fortemente neste dia.

Em 1976, afirma o pesquisador da Casa da Cultura José Condé, que o movimento na Feira começava por volta das seis da manhã, aumentando por cerca das dez horas da manhã. Os compradores vinham de Garanhuns, Bezerros, Arcoverde, Serra Talhada, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. Relata ainda as famosas *garrafadas*, mistura de aguardentes com raízes e cascas de árvores, que os agrestinos tomam como remédio. Na rua São Sebastião encontrava-se o comércio destes remédios, dispostas as barracas em círculo, e a Feira do Troca-Troca.

“Há ainda outras atrações bastante curiosas na Feira de Caruaru, como as bandas de pífano que alegram o ambiente e os contadores de histórias. Esses são homens de fértil imaginação que costumam relatar, diante de microfones, as histórias mais incríveis. Todos sabem que não sabem de histórias, que tudo é uma farsa, mas mesmo assim não negam seus suados centavos aos contadores. Afinal, suas histórias – falsas ou verdadeiras - são os sorrisos do povo”.¹³

Em 1988, surgem novos produtos na Feira, fazendo bastante sucesso: são a carne, o bolo e o queijo de *jaca*. A criadora foi Caetana Olívia da Silva, que na época tinha 35 anos.

Seus produtos fizeram aumentar o movimento na Feira. Caetana afirmou que até Miguel Arraes visitara a Feira e provara de seus produtos. A prefeitura adotou os pratos de jaca de Dona Caetana para a merenda escolar.

No entanto, com o crescimento da cidade, e para solucionar os conflitos e a saturação existentes, resultantes da necessidade de espaço para a Feira, o Governo Municipal decidiu transferi-la. Em 1982, o prefeito José Queiroz solicita a dois arquitetos a elaboração de um projeto para a transferência da Feira. Constatava-se que “à medida que a cidade mudava, o centro tomava outra dimensão. As lojas começaram a ficar tão importantes quanto a função da Feira e isso criou um confronto com as funções urbanas”. A transferência da Feira de

¹³ Revista Serpro, ano I, nº 10 – maio de 1976.

Artesanato serviria como experiência, como um projeto piloto, no que afirmaram: “... *ela tem outros padrões de armazenamento e a reposição de produtos. Enquanto tomate e macaxeira, você tem que renovar quase todo dia, sandália de couro e boneca de barro têm outro ritmo de abastecimento... ela tem outro público consumidor, que são mais turistas*”.

Os arquitetos pretendiam estudar a aceitação dos feirantes e de sua clientela, “*permitindo que os feirantes se comportassem como proprietários individuais dos lotes, cada um transformou seu banco de feira numa loja com a cara que ele queria, ... a Feira de Flores, que antes tinha barraquinhas vendendo flores e passou, em determinado momento, a ser depósito.*” A arquiteta afirma, em entrevista¹⁴, que viajou para vários países e cidades como Amsterdã, Inglaterra, Paris, Londres, Alemanha entre outros lugares que possuíam uma “estrutura medieval, mas moderna”, para o melhor entendimento e elaboração do projeto. O jornal indica que o projeto foi feito com preocupações humanísticas, para que houvesse condições adequadas para a melhor adaptação. Neste projeto, constava a construção dos mercados de Carne e de Farinha, a Central de Abastecimento de Caruaru (CEACA), um Distrito Atacadista, o Memorial da Feira e a revitalização do centro da cidade.

Assim, a última Feira realizada no centro da cidade, em frente à Capela Nossa Senhora da Conceição, se deu no dia 16 de maio de 1992. Às 6 horas do dia 17 de maio, os feirantes caminhavam com seus produtos de trabalho com destino ao Parque 18 de Maio, uma área próxima do centro. Lá, a Feira foi disposta espacialmente em forma convexa, sendo o Parque 18 de Maio uma área previamente planejada, como escreveu o arquiteto Gustavo Miranda em sua monografia de graduação: *Caruaru: a Feira que se fez cidade... Investigando limites potenciais de uma relação espacial*.¹⁵ Diz este autor que a intenção da Prefeitura foi a de retomar o centro como ponto de comércio formal para a cidade, solucionando os inúmeros conflitos decorrentes da existência da Feira, e dotar esta última de toda infra-estrutura necessária. Tanto assim que, de 22.760m², com 1861 barracas e 4000 feirantes (dados de 1982), “o Parque é cerca de seis vezes maior, com 154.440m², permitindo, assim, a possibilidade futura de um aumento considerável no número de

¹⁴ Cf. o Jornal *Diário de Pernambuco* do Recife, nas edições de 15 de maio de 1988 e de 25 de dezembro de 1992.

¹⁵ Monografia defendida na UFPE em 2004. Agradeço à colaboração do autor em ter cedido um resumo do seu trabalho, como uma das fontes para este relatório.

comerciantes, chegando a ter, em 2004, crescimento de quase 500%”, com um montante contabilizado de 28.000 feirantes.

Continua MIRANDA: “Porém, com a enorme circulação de dinheiro e alta atração de feirantes e compradores, a Feira de Caruaru começou a necessitar de mais espaço, passando, então, a se expandir em direção às ruas próximas a ela, a partir do ano 2000”.

Hoje em dia, localizada no Parque 18 de Maio, a Feira de Caruaru alberga a Feira Livre, a Feira dos Importados (chamada popularmente de *Feira do Paraguai*), a Feira do Artesanato, a Feira da Sulanca – atualmente a mais importante das “Feiras”, que se realiza nas segundas-feiras, de 04 da manhã às 16 horas, mais ou menos - e a Feira do Gado (esta acontecendo nas terças-feiras, situada hoje no bairro do Aeroporto. Além do gado bovino, negociam-se nela também cavalos, caprinos, ovinos, suínos e galináceos. Recebe em média, 2.000 bois por feira, para negociação de compra e venda). Já a Feira Livre é composta das seguintes feiras setoriais:

- Feira das Frutas e Verduras;
- Feira de Raízes e Ervas medicinais;
- Feira do Troca-Troca;
- Feira de Flores e plantas ornamentais;
- Feira do Couro (calçados, chapéus, bolsas e outros produtos feitos deste material);
- Feira de Roupas populares (esta funcionando todos os dias);
- Feira dos Bolos e doces;
- Feira das Ferragens.

A estas “feiras” deve-se acrescentar o prédio do Mercado da Carne, o Museu do Cordel, dentro do recinto da Feira de Artesanato, onde, de vez em quando, podem-se encontrar cantadores entoando as rimas dos folhetos, bem como pelo menos duas oficinas de fabricação artesanal de instrumentos de Banda de Pífano, de alfaias (espécie de tambor usado nos maracatus-nação) e outros instrumentos de percussão.

Quero adiantar que todas estas feiras se encontram já devidamente levantadas nas fichas próprias do INRC, incluindo nestas as fichas de Contatos.

Conforme MIRANDA, ainda, a Feira de Artesanato possui um faturamento médio de 20 milhões de reais/mês; a da Sulanca, 22 milhões, atraindo até 100.000 pessoas na alta estação, nos meses de junho (festas juninas) e dezembro.

Os seguintes números dão uma idéia da magnitude da Feira: a de Frutas e Verduras conta com 5.900 comerciantes e 20.000 compradores por semana; a da Sulanca, com 12.000 vendedores cadastrados, mais 10.000 “invasores” e cerca de 100.000 compradores na alta estação e 35.000 na baixa. A de Artesanato conta com 400 feirantes e 10.000 compradores por semana.¹⁶

Além das diversas “feiras dentro da Feira”, que caracterizam a Feira de Caruaru como um todo complexo e encantadoramente heterogêneo, temos de destacar um Bem Associado à Feira, que é a comunidade de artesãos do Alto do Moura. Trata-se de um verdadeiro núcleo cultural, local significativo de produção de artesanato, considerado recentemente pela UNESCO o maior Centro de Arte Figurativa das Américas, tal o número de artistas artesãos, pintores que lá residem, trabalham, aceitam encomendas – hoje quase sem intermediários, como pudemos constatar no Levantamento Preliminar – e vendem a turistas e viajantes, tanto no varejo como em grosso. Se antes, **há cerca de** trinta anos atrás, eles dependiam quase exclusivamente da Feira para escoar sua produção, atualmente eles não dependem mais daquela para sobreviver e comerciar os produtos, mas vendem em quantidades para Alemanha, Japão, Itália e outros países, mediante acordos prévios. Em 1981, foi criada a Associação dos Artesãos do Alto do Moura.

Não é raro encontrar um ou outro artesão se divertindo à larga, ensinando turistas europeus a amassar o barro e esculpir as belezas em miniatura, que reproduzem o universo imaginário do segmento social ao qual eles pertencem. Um deles, Luís Antônio, foi convidado a ir ao Japão, onde ficou por quatro meses, fazendo bonecos e ensinando japoneses a fazê-lo, como entretenimento e relax. Claro que existe um perigo nestas incursões desses artesãos, simples e santamente ingênuos como são, para coisas que dizem respeito a, por exemplo, direito comercial: o de se tornarem vítimas inocentes de

¹⁶ Dados ainda encontrados na Dissertação de Miranda.

patenteamento de sua produção no Exterior, o que está a exigir medidas rápidas no campo das salvaguardas e dos direitos autorais, por parte do IPHAN e do Ministério Público.

O Alto do Moura dista 7 km do centro de Caruaru. Dispõe de acesso através do núcleo urbano, bem como pela BR 232. No local, destacam-se: a Casa-Museu do Mestre Vitalino, a Casa-Museu do Mestre Galdino, os ateliês e residências dos artesãos – cujos nomes e quantidade se encontram registrados nas fichas de Contato, os objetos de arte que criam, nas fichas de Formas de Expressão, os modos de amassar o barro, cozinhar no forno, moldar, etc, nas fichas de Saberes e Modos de Fazer –, as “lojas” de vendas dos produtos de cada um deles – muitas vezes dispostos na própria sala de visitas da residência, – bares e restaurantes com pratos regionais e outros.¹⁷ Peças dos Mestres Vitalino e Galdino, além de artesãos vivos, como Manuel Eudócio e Luís Antônio, se encontram expostas em Museus de Arte Popular e/ou Artesanato na Europa.

Outro bem considerado por nós como Bem Associado à Feira é a *Rádio Parque 18 de Maio*. Trata-se de uma emissora local, cujos transmissores se localizam no próprio Parque, com um sistema de alto-falantes espalhados em toda a área da Feira. Sua programação consta de comerciais das diversas “feiras”, localização das mesmas, orientação aos compradores e turistas sobre os diversos serviços que ali funcionam, como: policiamento, direções para esta ou aquela “feira” e serviços médicos de urgência próximos à área. Durante a Feira da Sulanca, a emissora funciona também como chamada dos compradores de fora de Caruaru para se dirigirem para os coletivos, na hora do retorno para os lugares de origem.

Postei-me o dia inteiro, numa segunda-feira, dia da Sulanca, de frente para um dos alto-falantes, para anotar os Estados do Nordeste e Municípios pernambucanos de onde provinham os compradores; depois, conferi esta lista com as complementações dadas pelos donos de barracas de artesanato, próximas ao local da Sulanca (visto que é quase impossível entrevistar aqueles vendedores, super ocupados em atender aos “sulanqueiros”, nome popularmente dado aos que adquirem essas confecções populares em quantidade.

¹⁷ Nestes parágrafos referentes à Feira atual e ao Alto do Moura, tomei dados da publicação da Prefeitura de Caruaru: *Plano Diretor: Perfil de Caruaru*, edição de 2002 (mimeo), gentilmente cedida a nós, entre outras, pelo Diretor de Cultura Sr. Valmiré Porto Dimerón, ao qual agradecemos. A relação das “feiras”, no entanto, foi atualizada quanto aos nomes populares que o povo dá e quanto ao número, a partir da pesquisa de campo e de dados do próprio Valmiré, Diretor aqui citado.

Anotei compradores provenientes dos seguintes Estados: Bahia – cidades da margem do Rio São Francisco –; Sergipe: Aracaju; Alagoas: Maceió e duas outras cidades; Paraíba: Campina Grande, João Pessoa e outras cidades; Rio Grande do Norte: Natal e Caicó; e Pernambuco, todas as cidades vizinhas a Caruaru, exceção feita aos municípios pólo da Sulanca, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama¹⁸: a cidade dos jeans, cujas fábricas transportam confecções para a Feira, todas as segundas-feiras, bem como confecções originárias de Caruaru. Além dessas, ouvi chamados para “sulanqueiros” de Petrolina e de outras cidades do Sertão; de Garanhuns, de Taquaritinga do Norte, entre os municípios do Agreste; de Palmares, da Mata Sul do Estado.

Mabel Baptista e Maria das Graças Villas, Diretoras da Divisão do Patrimônio Imaterial da 5ª Região do IPHAN, acrescentaram a esta lista compradores de cidades de Minas Gerais e de São Paulo, convocados para se dirigirem aos ônibus que os trouxeram do Sudeste para a Sulanca, conforme escuta acidental das mesmas, ao acompanhar esta pesquisa.

III. ALGO SOBRE AS FICHAS

Começo esta seção louvando a capacidade de trabalho da equipe de pesquisadores que, em pouco tempo, levantou um montante considerável de dados no campo, os quais totalizaram, só no Levantamento Preliminar, quase 150 fichas. Na tabela anexa, pode-se acompanhar a quantidade e a especificação das fichas – em número de 133 –, as quais estão agora em processo de revisão, para a fase do Inventário. Não estão incluídas aqui as fichas de *contato* nem as de *edificações*, cujo preenchimento também já foi iniciado:

¹⁸ Estes três municípios constituem, até o momento, o principal pólo produtor de confecções populares de Pernambuco, considerado o segundo maior do país em montante de produção, inferior somente a São Paulo, conforme dados do *Plano Diretor: Perfil de Caruaru*, já citado, e informações jornalísticas.

FORMAS DE EXPRESSÃO

1. "Banda de Pífano" de Barro
2. "Trio Nordestino" de Barro
3. Carrancas
4. "Enroladinhos" ou "Suruba"
5. "Rodas de Capoeira" esculpidas no barro
6. Galinhas de Barro
7. Alpercatas Masculinas de Couro
8. Sandálias Femininas de Couro
9. Botas de Couro e Camurça *
10. Cintos de Couro Rústicos
11. Sandálias leque-leque
12. Chapéu de Vaqueiro
13. Quadros Religiosos em Telha
14. Baús de Madeira *
15. Miniaturas de "Profissões" em Barro
16. Passarinhos em Barro, pousados em Árvores. *
17. Lápis de Cor *
18. Caminhões de Lata
19. Pequenos Artigos em Couro
20. Cofrinhos de barro
21. Artigos humorísticos obscenos em barro e madeira
22. "Bêbados" em barro
23. Jogadores em argila
24. Mulheres grávidas em argila
25. Costureira de Barro
26. Mulheres de barro alimentando galinhas
27. Luminária de barro
28. Negros de barro carregando lenha sobre a cabeça
29. Lampião e Maria Bonita em barro
30. Escultura de anjo em gesso *

31. Orientais em gesso *
32. Mané Gostoso
33. Leão
34. "Eletricista" de barro
35. "Fotógrafo" de barro
36. "Fusca" de barro
37. "Casamento Matuto" em barro
38. "Repentistas" de barro
39. "Seca no Sertão" de barro
40. Pau-de-Arara
41. Cavalo-Marinho
42. Maracatu de Dona Santa
43. Baiana na Telha
44. Garrafas de Areia *
45. Imã de Geladeira
46. Miniatura de Gaiolas *
47. Casal de Pretos Velhos
48. Pezão
49. Xilogravura
50. Retirantes
51. Bodoque
52. Pião
53. Rói-Rói
54. Cabeça de Alho
55. João e Maria
56. Boneco de Corda
57. Chaveiros
58. Carranca *
59. Bonecos de Durepox
60. Cabeça de Boi
61. São Francisco
62. Baianas
63. Bumba-meu-boi
64. Preto Velho

65. Escravos
66. Boneca de pano
67. Anjo cabeça de colher
68. Espelho Artesanal
69. Abajur de palha
70. Capoeirista
71. Painel São João
72. Boizinho
73. Mamulengo
74. Cortina de conchas
75. Arranjo de índio
76. Jarros quadrados de gesso
77. Charles Chaplin em barro
78. Meninos Mijões em Barro
79. Quadro Pirógrafico
80. Escravos gigantes em barro
81. Baú de palha e vime
82. Quadros com espantalho
83. Grutas de mármore *
84. Kit (conjunto) para feijoada
85. Pinturas em LP
86. Pinturas na telha
87. Catemba do coco Catolé
88. Peneira artesanal para enfeite
89. Talhas
90. Catemba do coco catolé em formato de peixe
91. Cestas de vime
92. Tapete de palha de coco e de palha de bananeira
93. Perna-de-pau
94. Arranjo de flor feito de cipó
95. Bonecas de pano
96. Artigos de fuxico *
97. Pratos, copos e jarras de barro

98. Móveis de balão
99. “Mané – pãozeiro”
100. Mensageiro dos ventos
101. Alças para bolsa
102. Cesta de piquenique
103. Bolsas de Palha
104. Frutas de Barro
105. Conjunto (kit) de brinquedo em miniatura
106. Caçadeira para frutas
107. Casas de Farinha

LUGAR

1. Feira da Sulanca
2. Feira do gado
3. Feira de Roupas
4. Feira de Flores
5. Alto do Moura
6. Feira de Artesanato
7. Feira de Ervas
8. Feira de Calçados
9. Seção de “Goma” ou Feira de “Goma”
10. Feira do Fumo
11. Feira do Troca-Troca
12. Seção do Bolo
13. Feira do Paraguai, ou de Importados
14. Feira de Ferragens
15. Feira de Importados

EDIFICAÇÕES

1. Casa de Farinha
2. Museu do Cordel
3. Museu da Feira
4. Museu Mestre Vitalino
5. Museu Mestre Galdino
6. Mercado de Farinha
7. Mercado de Carnes
8. Rádio da Feira

SABERES E MODOS DE FAZER

1.	Churrasqueiras
2.	Produtos de Zinco
3.	Produtos de Couro
4.	Produção em Barro
5.	Cordel
6.	Xilogravura

Bens Levantados

Registro	Quant.
Formas de Expressão	107
Lugar	15
Edificações	8
Saberes e Modos de Fazer	6
Total	136

*Fichas de bens cuja originalidade e regionalidade estão sendo contestadas em discussões no nosso grupo.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Introdução, referi-me à satisfação que foi a realização deste Levantamento, por conta de diversos tipos de motivações. Além das já elencadas naquela seção, posso acrescentar: as condições de trabalho e o crédito de confiança dados pelo IPHAN Nacional, **bem como** pela 5ª Superintendência Regional do IPHAN, em Pernambuco; o acompanhamento simpático e cordial das Técnicas Responsáveis pelo Núcleo do Patrimônio Imaterial da 5ª Região: Sra. Mabel Neves Baptista, Coordenadora Institucional deste Projeto, e Sra. Maria das Graças Villas. A todos e todas, nosso agradecimento, em meu nome e **em nome** de todo o grupo de pesquisadores e técnicos, por terem possibilitado a conclusão do Levantamento Preliminar e a continuação do Projeto, com a fase do Inventário.

Melhor do que nós, Caruaru e sua Feira vão agradecer, pelo valor agregado que este Inventário e sua conseqüente inscrição no Livro de Registros de Lugar, do Patrimônio Imaterial Brasileiro, vão proporcionar à já conhecida e visitada “Feira”. Claro que Caruaru e sua Feira agradecem. Paralelamente, é justo este reconhecimento oficial de todo o País para com esta epopéia, escrita na memória do povo que lá habita, labuta e enfrenta o desafio da sobrevivência; memória aqui e ali repassada pelos nossos historiadores, cronistas, poetas, cordelistas, compositores, pintores, gravadores, fotógrafos, cinegrafistas, além dos *da Terra*: artistas/poetas do barro, da madeira, do couro, das cordas e entrançados do sizal ou agave, do zinco, do alumínio, das antigas “folhas de flandres”, do atual durepox, do zabumba, do ganzá, do pífano, das garrafadas, dos segredos das plantas...